



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE BIOLOGIA ROBERTO ALCÂNTARA GOMES

DEPARTAMENTO DE ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

As relações de gênero e a vivência da sexualidade adolescente

Patricia de Souza Ricardo Gonçalves

Rio de Janeiro
2006



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE BIOLOGIA ROBERTO ALCÂNTARA GOMES

DEPARTAMENTO DE ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

As relações de gênero e a vivência da sexualidade adolescente

Patricia de Souza Ricardo Gonçalves

Trabalho Final apresentado ao Departamento de Ensino de Ciências e Biologia, do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Ensino de Ciências.

Rio de Janeiro
2006

FICHA CATALOGRÁFICA

Gonçalves, Patricia de Souza Ricardo,

As relações de gênero e a vivência da sexualidade adolescente / Patricia de Souza Ricardo Gonçalves - 2006

X, 34p.: il

Orientador: Vera Maria de Sá A. Filgueiras

Monografia (Especialização) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes.

1. Gênero. 2. Adolescente. 3. Ensino de Ciências. 4. Teses. I. Filgueiras, Vera M^a de Sá A. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes. III. Título



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE BIOLOGIA ROBERTO ALCÂNTARA GOMES

DEPARTAMENTO DE ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

As relações de gênero e a vivência da sexualidade adolescente

Patricia de Souza Ricardo Gonçalves

Orientador: Vera M^a. de Sá A. Filgueiras

Aprovada em ____ de _____ de 2006.

.Prof: _____

.Prof: _____

Rio de Janeiro
2006

“O respeito mútuo, um respeito sem fingimentos e sem rotinas, um respeito bem intencionado, que todos os dias se ilumina de argumentos novos e todos os dias se sente pequeno diante da aspiração, poderá servir de base, dentro da obra educacional, a um movimento de resultados eficientes, no problema urgentíssimo da salvação do mundo pela garantia unânime da paz.”

Cecília Meireles

DEDICATÓRIA:

À minha filha, Júlia, alegria dos meus dias.

Ao meu esposo, meu companheiro de todas as horas.

E aos meus alunos, minha motivação e inspiração para acreditar e trabalhar por uma educação que diminua as desigualdades sociais, raciais e sexuais em nosso país.

AGRADECIMENTOS:

À minha orientadora, professora Vera Filgueiras pela orientação e pela paixão com que desenvolve seu trabalho.

Ao meu esposo e maior incentivador, pela ajuda e compreensão nos momentos difíceis.

Aos meus pais, por acreditarem e investirem em mim.

E principalmente a Deus, pois tudo o que tenho e sou vem d'Ele.

LISTA DE TABELAS

Tabela I	Relação dos grupos pesquisados.	Página 31
Tabela II	Caracterização dos grupos analisados.	32

LISTA DE FIGURAS

		Página
Figura 1	É certo que a mulher fique com a maior parte das tarefas domésticas	32
Figura 2	A escolha profissional da mulher não deve atrapalhar a educação dos filhos.	32
Figura 3	Os homens devem expressar seus sentimentos.	33
Figura 4	Os pais devem dar igual liberdade a meninos e meninas.	34
Figura 5	É possível amar duas pessoas ao mesmo tempo.	34
Figura 6	O sexo é muito importante para a felicidade das pessoas.	35
Figura 7	Um homem só deveria ter relações com a mulher que ele amasse.	35
Figura 8	Uma mulher só deveria ter relações com o homem que ela amasse.	36
Figura 9	Em matéria de fidelidade as regras deveriam ser as mesmas para ambos os sexos.	36
Figura 10	O impulso sexual de uma mulher é tão forte quanto o de um homem.	37
Figura 11	As causas mais comuns da frigidez na mulher são a educação recebida e a falta de diálogo com o parceiro.	37
Figura 12	Para a maioria das mulheres a estimulação do clitóris é que leva ao orgasmo.	38
Figura 13	Uma penetração fácil e sem dor indica que a mulher não é virgem.	39
Figura 14	As mulheres perdem o interesse sexual depois da menopausa ou após uma histerectomia.	40
Figura 15	É necessário um pênis grande para que a mulher tenha satisfação sexual.	41
Figura 16	A masturbação é uma atividade normal a homens e mulheres.	41

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE FIGURAS	ix
RESUMO	x
INTRODUÇÃO	11
--- Objetivos	13
1. A QUESTÃO DE GÊNERO – A HISTÓRIA E A REALIDADE DA NOSSA SOCIEDADE	15
2. COMPORTAMENTO SEXUAL, UM RECORTE DE GÊNERO	20
3. A ADOLESCÊNCIA E A QUESTÃO DE GÊNERO	23
4. A QUESTÃO DE GÊNERO E A EDUCAÇÃO FORMAL	26
5. METODOLOGIA	30
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
ANEXOS	48

RESUMO

As questões de gênero têm sido usadas por muito tempo para ratificar as diferenças entre homens e mulheres e para justificar a opressão e a suposta inferioridade feminina.

Este trabalho busca compreender como estas questões influenciam a vivência da sexualidade pelo adolescente, uma vez que é nesta faixa etária que a vivência sexual se intensifica depois de um período de latência que é a infância. Para isso foi realizada uma pesquisa com adolescentes de uma escola pública e uma particular do município de Petrópolis, Rio de Janeiro.

A pesquisa constatou que muitos mitos relacionados aos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres ainda fazem parte do imaginário coletivo, influenciando a vivência da sexualidade por estes adolescentes. Constatou ainda que a escola, enquanto espaço privilegiado para promover mudanças conceituais e de atitude, tem se omitido ou mesmo confirmado tais estereótipos.

Faz-se necessário que os professores se sensibilizem para as questões relacionadas ao gênero para que a educação se torne um instrumento eficiente para a transformação social, promovendo o respeito à diversidade.

Palavras- chave: gênero; adolescente; ensino de ciências.

INTRODUÇÃO:

*“Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria, o que eu quisesse ter
Que nada! Minha porção mulher que até então se resguardara
È a porção melhor que trago em mim agora, é o que me faz viver”.*
Gilberto Gil

Sabemos que há diferenças entre os sexos. Essas diferenças podem ser notadas pela observação da genitália externa e dos caracteres secundários, a partir da puberdade. Além dessas diferenças, homem e mulher diferem biologicamente apenas em massa muscular. Porém, culturalmente essas diferenças se tornam muito mais amplas e constituem o que denominamos gênero.

Grossi (2006) define gênero como uma construção cultural, um processo que passa necessariamente pela educação formal e informal¹ em nossa sociedade. Ele pode ser entendido ainda como o conjunto de atitudes inerentes ao homem ou à mulher, determinando deste modo o comportamento dos indivíduos e fazendo-nos entender as discriminações e opressões sofridas, principalmente pela mulher, ao longo da história.

Para muitas pessoas as questões relacionadas ao gênero estão diretamente ligadas à sexualidade do indivíduo, porém é importante diferenciar a sexualidade e o gênero, uma vez que a sexualidade é inerente a todo ser humano e o gênero é uma construção cultural, muitas vezes cristalizada e demonstrada em atitudes comuns do nosso dia-dia. Para Louro(1999):

“A inscrição dos gêneros –feminino ou masculino- nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade - das formas de expressar desejos e prazeres – também são socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade”.

Educação formal é aquela oferecida por sistemas formais de ensino, por meio de várias formas de ensino regular. Já a educação informal é a que recebemos durante nossa vida ao adotar atitudes e aceitar valores, adquirir conhecimentos e habilidades da vida diária e das influências do meio que nos rodeia. (INEP)

Esses padrões de comportamento são mantidos na sociedade através da educação, primeiramente não formal, na família e, posteriormente através da educação formal “que geralmente trata as meninas como seres frágeis e dóceis e os meninos como fortes e eficientes. Essa mesma educação incute valores acerca de qual comportamento social e pessoal esperar do homem ou da mulher” (Suplicy, 1995).

O ser humano aprende sobre sexo e sexualidade desde o nascimento, através das informações recebidas, reforçadas por posturas, conotações e atitudes das pessoas que interagem conosco, sejam nossos pais, parentes, professores, etc.

Verardo (1987) reforça esta questão dizendo que a educação dada a meninos e meninas é “diferenciada visando formar indivíduos que se completam,... partes que formarão um todo com o outro”. Assim os meninos são estimulados desde pequenos para “dominar o mundo”, suas brincadeiras consistem em dirigir carrinhos e aviões, e sua curiosidade científica é estimulada. Já as brincadeiras das meninas a remetem ao universo doméstico, se resumindo à casinha e às bonecas. Desta maneira são forjados os seres masculino e feminino, justificando as diferenças entre homens e mulheres.

Embora seja uma construção cultural, a forma de internalizar e expressar as questões relacionadas ao masculino e feminino podem diferir. Costa (1994) em seu livro “Os onze sexos” aponta a existência de uma identidade de gênero e de um papel de gênero.

*“Quando falamos em identidade de gênero, nos referimos às sensações internas... Essas sensações podem vir para fora ou não. Sentimos pertencer ao gênero masculino ou feminino, que somos homens ou mulheres.
Papel de gênero nada mais é que o nosso comportamento frente às demais pessoas.”*

Quando não há uma sintonia entre a identidade e o papel de gênero, surgem os conflitos internos.

Esses conflitos geralmente vêm à tona durante o período conhecido por adolescência. De acordo com Suplicy (1995), a adolescência é o conjunto de transformações psicológicas, biológicas e sociais que ocorrem no período da puberdade. Este período caracteriza-se por muitas dúvidas e conflitos internos, uma vez que está ocorrendo a construção de conceitos sexuais e, em decorrência, a vivência da sexualidade.

Como o gênero é um produto da cultura e da sociedade, acredita-se que os padrões estabelecidos influenciam a forma como estes adolescentes vão conduzir suas práticas sexuais, muitas vezes, acarretando problemas como a repressão ou a liberalidade excessivas e ainda aumentando os índices de gravidez não planejada e doenças sexualmente transmissíveis (DST).

Considerando estes fatos e buscando a construção de uma sociedade mais igualitária para homens e mulheres, os parâmetros curriculares nacionais (PCN) para orientação sexual (Brasil, 1996) destacam que a discussão sobre as relações de gênero deve problematizar e discutir as relações autoritárias, questionando a rigidez dos padrões de conduta, permitindo que tanto homens quanto mulheres expressem suas potencialidades sem estarem presos a estereótipos e às afirmações “isso é coisa de menina...” ou “isso é coisa de menino...”.

OBJETIVOS:

Como a adolescência é considerada um período de grandes conflitos, e muitos deles relacionados à sexualidade, o presente trabalho tem por objetivo identificar as influências dos padrões estabelecidos de gênero na vivência da sexualidade neste período tão importante.

Através deste trabalho pretende-se identificar a influência cultural na forma como o jovem vê e vive as questões relacionadas a sua sexualidade, buscando também servir

como auxílio para os professores que muitas vezes, de forma inconsciente, reproduzem conceitos e tratamentos sexistas nas escolas.

1. A QUESTÃO DE GÊNERO – A HISTÓRIA E A REALIDADE DA NOSSA SOCIEDADE

Invariavelmente, ao longo da história da humanidade, nota-se que há uma diferença muito grande entre homens e mulheres, para além das diferenças físicas, facilmente visualizadas, principalmente pelos caracteres sexuais primários e secundários, esta diferença é instituída pelas sociedades em suas culturas. Desse modo, um rápido olhar ao longo da história das civilizações ocidentais nos revela uma mulher inferiorizada frente a um homem que tudo pode. A superioridade masculina é praticamente uma concessão divina, enquanto a mulher foi criada única e exclusivamente para servi-lo. Isso se faz presente na história e se perpetua através de mitos.

A mitologia grega, por exemplo, nos mostra grandes heróis, como Hércules. Estes heróis são sempre semideuses, ou seja, tinham uma dimensão humana herdada da mãe e uma divina, herdada do pai. A concepção de todos esses heróis se dá através da violência física, uma vez que Zeus, o grande deus do Olimpo, violentava sexualmente as mulheres.

Além de inferiores, as mulheres também aparecem, nesses mitos, como as causadoras dos males do mundo. É assim na mitologia cristã da criação, na qual Eva, tentada pela serpente, come do fruto proibido e oferece ao seu companheiro, Adão. É assim também, no mito grego da caixa de Pandora. Pandora, a primeira mulher, enviada pelos deuses aos homens com a intenção de castigá-los, abre uma caixa onde estavam guardados todos os problemas do mundo.

Estes e outros exemplos vão reforçando o papel social desempenhado por homens e mulheres. Porém, essas diferenças não se limitam aos mitos, mas invadem a realidade, seja ela clássica, medieval ou mesmo os nossos dias.

Um passeio histórico nos fará destacar alguns exemplos desta diferenciação entre homens e mulheres ao longo da história das civilizações.

Tannahill (1980) descreve assim a mulher da cultura clássica ou helênica:

“Em Atenas as mulheres não tinham mais direitos políticos e legais do que os escravos. Durante toda a sua vida, eram sujeitas à autoridade absoluta de seu parente homem mais próximo. Não recebiam qualquer tipo de educação formal... e submetiam-se a casamentos arranjados.” (p.100)

Ele ainda sugere que, como a pederastia era comum nessa sociedade, ela se tornara à forma de obtenção de prazer preferida pelos homens. O casamento era importante apenas para a geração de filhos. No entanto, um homem poderia repudiar sua mulher sem qualquer motivo aparente, ela por sua vez não poderia fazê-lo, nem em casos de adultério ou pederastia.

Tannahill (1980) também afirma que a situação da mulher grega não era muito diferente das mulheres contemporâneas como egípcias, hebréias e babilônicas.

Durante a idade média européia, há uma mudança lenta de atitude que podemos dizer que foi causada principalmente pelo fato dos homens partirem para as cruzadas, deixando suas propriedades nas mãos das mulheres, até então destinadas apenas à submissão a pais e maridos. Deste modo o papel social da mulher foi alterando-se ao longo do tempo.

Tannahill (1980) chama a atenção para a introdução do Culto a Maria no continente europeu como um importante fator de alteração da forma como a mulher é vista na sociedade e por si mesma.

“Em Bizâncio, a Virgem Maria há muito era objeto de devoção, sendo seu culto levado de volta à Europa em inícios do século XII por peregrinos, cruzados e mercadores. Durante longos séculos, a Igreja ocidental nivelara a mulher a Eva, a arquiteta da queda do homem; assim, quando no século XIV Eva finalmente cedeu lugar a Maria, todas as mulheres foram beneficiadas”.(1980, p. 281).

Paralelamente, durante o período de Inquisição muitas mulheres foram queimadas em fogueiras, condenadas por bruxaria.

Durante a reforma protestante, o casamento deixou de ser visto como um sacramento e, em especial a Igreja Anglicana com Henrique VIII manipulou as leis do divórcio em favor do homem. Porém durante o Concílio de Trento a Igreja Católica restabeleceu o sacramento do matrimônio e a importância da virgindade. (Tannahill, 1980).

As razões para o casamento e a idade de homens e mulheres para o matrimônio se alteraram ao longo dos séculos, mas o papel da mulher no mesmo, não.

“Quando um homem subia na vida à custa do próprio esforço e se casava... ele queria uma dona de casa eficiente, uma companheira racional, uma concubina não paga e uma competente mãe para seus filhos. O amor ainda tinha bem pouco a ver com o casamento”.(Tannahill, 1980, p.363).

Além disso, acreditava-se que a participação da mulher no processo reprodutivo era mínima, servindo apenas de urna para guardar a semente, uma vez que o sêmen já continha um ser humano em miniatura – o homúnculo. Apenas no século XIX esta questão foi esclarecida.

São muitas as desigualdades entre homens e mulheres ao longo da história e, ainda o são na atualidade.

Na história recente do Brasil, ainda nos deparamos com diferenças e discriminação contra a mulher. Toscano (2000) destaca que até a década de 60 a mulher ao se casar passava a ter sua vida determinada pelo marido, adquirindo uma “condição jurídica de menor, incapaz de decidir por si”. Como o divórcio só foi instituído do final da década de 70, a mulher desquitada também permanecia subordinada ao marido.

É importante destacar aqui que a revolução sexual ocorrida na década de 60, com a explosão do movimento feminista e a invenção da pílula anticoncepcional possibilitou à mulher uma maior liberdade e mesmo uma mudança de ideais. O lar deixa de ser o recinto único da mulher. Mas ainda hoje encontramos mulheres trabalhando em subempregos e ganhando menos que os homens, mesmo quando ocupam cargos de chefia.

Informações do IBGE mostram em 2000 que a contribuição feminina no rendimento familiar cresceu 56% no último censo. Porém estas mesmas mulheres tinham rendimento cerca de 30% menor que os homens e trabalhavam em atividades de baixa qualificação e mal remuneradas.

Muitas desempenham atividade sem remuneração ou são empregadas domésticas.

O censo do IBGE mostra ainda que houve aumento de 37% no número de domicílios chefiados por mulheres. Porém este aumento ocorreu em sua maioria com mulheres brancas, no caso das pretas e pardas a participação na chefia dos lares decresceu, demonstrando ainda que, para além da discriminação sexual, há ainda a discriminação racial.

“A desigualdade de gênero no mercado de trabalho pode ser observada tanto pela inserção no mercado quanto pela remuneração. Tanto mulheres como pretos ou pardos estão concentrados em trabalhos mais precários e em ocupações de baixa qualificação e mal remuneradas. Não raramente trabalham sem carteira assinada e sem garantias trabalhistas... em relação às mulheres, o destaque é o trabalho doméstico ou o trabalho sem remuneração que, juntos, somam quase 28% da população ocupada feminina”.(IBGE, 2006).

Apesar das transformações ocorridas ao longo da História da humanidade muito precisa ser feito para que a mulher seja respeitada enquanto ser humano e ocupe um lugar de destaque na sociedade que ainda é um espaço dominado pelos homens.

2. COMPORTAMENTO SEXUAL: UM RECORTE DE GÊNERO.

O comportamento sexual dos indivíduos está diretamente ligado às informações e à formação que este indivíduo possui, ou seja, à sua educação e à cultura da sociedade na qual ele está inserido. E, sendo fruto da cultura, direta ou indiretamente, o comportamento sexual refletirá as questões de gênero presentes nas relações humanas.

Ao falar sobre comportamento sexual Ribeiro (2003) cita dois tipos de abordagens sobre a construção da sexualidade: a essencialista e a construtivista social. A primeira defende que há uma natureza sexual universal tendo o biológico como fator determinante das diferenças. Já o construtivismo social defende a relatividade destas questões, considerando a forma como se vê o corpo e a sexualidade resultado da cultura.

“Em sentido mais geral, sexualidade é compreendida como uma construção social e histórica da experiência sexual pelos processos subjetivos e simbólicos na percepção do corpo e suas práticas.”

Louro (1999) define a sexualidade como um processo histórico:

“[...] ela é uma invenção social, uma vez que se constitui historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem ‘verdades’”.

Deste modo, não podemos aceitar um determinismo biológico, pois ele seria um contraponto às relações de gênero, uma vez que o gênero e suas questões são uma construção sócio-cultural.

Ribeiro (2003) demonstra em seu trabalho a construção deste comportamento por crianças em vários contextos sociais, principalmente com colegas e amigos. A

influência dos amigos, da família e, indiretamente, das expectativas e perspectivas de futuro do próprio indivíduo são determinantes na construção do comportamento sexual.

Dadoorian (2003) demonstra isso ao estudar a gravidez adolescente e notar a influência do modelo de família patriarcal, ainda tido como ideal, na vivência sexual das adolescentes, principalmente das classes mais baixas. Essa mesma autora afirma que “ao se privilegiar a fala das adolescentes sobre seu estado, percebe-se que a gravidez é desejada por elas, desempenhando assim, um determinado papel na sua vida psíquica e social”.

Esse comportamento pode e deve ser compreendido pela influência social na determinação do papel feminino, uma vez que, a mulher é sinônimo de filha, esposa e, posteriormente mãe (Dadoorian, 2003). É importante destacar que o comportamento é o resultado da construção social, da cultura e da educação informal, e que não deve ser visto apenas como um recorte, pois a realidade difere de local para local.

Nos jovens de classes média e alta, nota-se um comportamento sexual mais “liberal”, não desejando o compromisso de um relacionamento, pois supostamente há maior preocupação com o futuro. Há também o fator diversão. O sexo é visto como mais uma forma de se divertir e, nem sempre de maneira segura. Isso é demonstrado pela pesquisa realizada pelo laboratório Unicarioca de pesquisas aplicadas, na qual 401 jovens entre 17 e 25 anos foram entrevistados. 25, 63% deles afirmaram que não se lembram do nome de um ou mais parceiros que tiveram (Merola, 2005).

Falar sobre comportamento sexual é ainda discutir temas como o domínio sobre o próprio corpo, a responsabilidade da contracepção, entre outros mais.

A nossa sociedade acredita e reforça mitos como a fragilidade feminina, muitas vezes ratificados pela própria mulher que, sequer tem domínio sobre seu corpo ou direito de fazer escolhas amorosas sem ser vítima de parceiros insanos.

Sobre isso Ribeiro (1999) afirma:

“A violência doméstica contra a mulher continua assustadora, e são poucas que denunciam os maridos, amantes ou pais que as desrespeitam, humilham, espancam e estupram. As mulheres ‘naturalizam’ a violência masculina e por isso, ou por medo e vergonha, não denunciam seus agressores”.

Muitas mudanças são observadas no comportamento sexual na sociedade em que vivemos, mas ainda notamos, principalmente sobre as mulheres, forte influência de preconceitos e sexismo na vivência da sexualidade.

Este fato fica claro com a aprovação da lei estadual número 4.638 de 09 de novembro de 2005 que obriga os profissionais de saúde da rede pública ou privada que atenderem mulheres acima de dezoito anos vítimas de violência tipificados como violências física, psicológica ou sexual, sofrida dentro ou fora do âmbito doméstico, de natureza intra ou extra familiar a preencherem uma notificação compulsória dos casos de violência contra a mulher; que servirá de instrumento para a defesa da mesma, contra o agressor.

Também a lei federal número 11.340, conhecida como lei Maria da Penha que garante à mulher “oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social” (art. 1º) e pune o agressor com pena de detenção de três meses a três anos. Tentando, desta forma, assegurar a integridade da mulher.

3. A ADOLESCÊNCIA E A QUESTÃO DE GÊNERO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) a adolescência constitui o período que ocorre entre os 12 e 21 anos. Período este que coincide com a puberdade. Apesar de serem conceitos muito próximos e comumente confundidos, adolescência e puberdade apresentam diferenças que precisam ser consideradas.

Para Boechat (1999) “a puberdade é orgânica, hormonal”. Este conceito é complementado por Suplicy (1995) que considera a puberdade como um conjunto de alterações biológicas que ocorrem em todos os indivíduos. Já a adolescência é um fenômeno psicossocial que se caracteriza pelos conflitos da transição infância –idade adulta. No entanto vale destacar que sob o enfoque biológico, os “adolescentes” já se constituem adultos, uma vez que estes estão aptos à reprodução, pois é nesta fase – chamada de puberdade – que ocorre a maturação das gônadas.

Deste modo, a adolescência é caracterizada pelas mudanças, não apenas morfológicas e fisiológicas, mas psicológicas, normalmente responsáveis pelas oscilações de humor tão características desta fase. Fato geralmente usado para justificar a incompreensão e, muitas vezes, a intolerância dos adultos para com os adolescentes.

Boechat (1997) destaca que:

“Estas mudanças todas provocam algumas perdas importantes e tornam necessárias muitas conquistas. O adolescente perde o corpo infantil e a bissexualidade própria da infância. (...) sua identidade sexual tem que se reforçar ao mesmo tempo em que ele sente cada vez mais inadequada a sua identidade e seu papel sócio-familiar infantil.”

Alguns autores questionam ou contestam a existência da adolescência enquanto um fenômeno. Ribeiro (1999) propõe a existência não de uma adolescência, mas de adolescências, destacando a influência das desigualdades sociais existentes, que

provocam ou originam essas adolescências. Assim, as condições de vida, estrutura familiar, condições de acesso à escola, etc, tendem a influenciar e diferenciar os jovens, em suas vivências, não apenas sexuais. Boechat (1999) destaca que a adolescência não ocorre em todas as culturas, sendo própria dos países capitalistas e de regiões mais desenvolvidas.

Ao nos referirmos à sexualidade, a adolescência e a puberdade representam uma transição entre as fases de latência e genital propostas por Freud. Neste período nota-se uma ansiedade decorrente da fracassada tentativa de atingir o padrão aceito e da busca de respostas nos campos profissional, afetivo e ético.

É na adolescência que nos tornamos conscientes dos sentimentos relacionados à orientação afetivo –sexual² que foi construída psicologicamente na primeira infância, porém se confirmará ou não na fase adulta (Costa, 1994).

Neste período ocorre a busca pela própria identidade e um “abandono” da família em busca do grupo de iguais (Suplicy, 1995). Neste período também se dará a confirmação dos seus papéis, incluindo os de gênero, uma vez que o adolescente está em busca da aceitação do seu grupo.

*“... trata-se de um processo de aprendizagem e de transmissão de conhecimentos. Nele se busca e se conforma a identidade (pessoal, sexual, social), formam-se as redes sociais próximas (galeras, turmas, etc), define-se a inserção no mundo do trabalho.”
(Ribeiro, 1999)*

Estes papéis de gênero, que necessitam ser internalizados pelo indivíduo, são introduzidos antes do nascimento e vão fundamentar-se *“em uma educação afetiva e delicada para o feminino e forte e sexuada para o masculino”* (Ribeiro, 1999) e, serão reforçadas durante toda a vida, porém, na adolescência estes papéis serão

2. De acordo com Costa, a orientação afetivo- sexual está vinculada aos sentimentos que existem dentro de todo indivíduo em relação a outrem, como o desejo e o prazer sexual, as sensações do orgasmo, fantasias, o amor e a paixão e podem ser acrescentados os sentimentos de ter capacidade de reprodução.

confrontados pelo grupo e a necessidade de ser aceito pelo mesmo e por si próprio passará a determinar a forma como o jovem vivenciará sua sexualidade.

4. A QUESTÃO DE GÊNERO E A EDUCAÇÃO FORMAL

Não há dúvidas de que a escola é o local onde mais se difundem valores e conceitos, ainda que muitos nos pareçam inadequados. Louro (1997) afirma que a escola não é apenas uma difusora de conceitos, mas produtora dos mesmos. Quando falamos nestes valores e conceitos, incluímos também o gênero e suas implicações.

Suplicy (1995, p.60) destaca que:

“Essa mesma educação incute valores acerca de qual comportamento social e pessoal esperar do homem ou da mulher. Os valores consagram padrões masculinos e femininos, negando inclusive as imensas diferenças existentes no interior do conjunto das mulheres ou dos homens.”

De acordo com os parâmetros curriculares nacionais (PCN) referentes à orientação sexual (Brasil, 1996), este tema que inclui também as questões de gênero, é transversal, ou seja, deveria ser tratado por professores de várias disciplinas. Apesar disso, a sexualidade ainda é um tema que desperta certo temor na grande maioria dos profissionais da educação, que se julgam despreparados, por suas crenças, dentre outras razões. Deste modo este assunto é, muitas vezes, excluído quando o currículo é elaborado e trabalhado.

Mas, muitas vezes, o professor de ciências e biologia se preocupa apenas com os aspectos morfológicos e fisiológicos do sistema uro-genital ou reprodutor, esquecendo-se de aspectos mais amplos que também são indicados pelo PCN, como o estímulo ao respeito à diversidade de valores e comportamentos relativos à sexualidade. E, é justamente no respeito à diversidade de valores e comportamentos, que as questões referentes ao gênero devem ser encaradas e discutidas, objetivando a problematização das práticas sexistas da sociedade e conseqüentemente da escola.

Segundo este documento:

“A discussão sobre as relações de gênero tem como objetivo combater as relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano e que são dificultadas pelos estereótipos de gênero” (Brasil, 1996).

Embora a igualdade dos gêneros masculino e feminino seja desejável, o que percebemos é que a escola atua como um centro difusor do sexismo, ainda que de maneira inconsciente. É importante lembrar que a escola, inserida na sociedade reproduz seus conceitos, inclusive aqueles que critica. Isto pode ser observado na linguagem oral, escrita, nas figuras dos livros didáticos, etc.

Para Louro (1997):

“Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagens, materiais didáticos, procedimentos de avaliação são, seguramente, loci das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores”.

Moreno (1999) afirma que “a imagem da mulher e do homem que se passa aos alunos por meio dos conteúdos do ensino contribui intensamente para formar seu eu social, seus padrões diferenciais de comportamento”. Deste modo, palavras, imagens e atitudes reforçam desde muito cedo as supostas diferenças existentes entre os sexos.

Quanto aos livros didáticos, Toscano (2000) mostra que apesar da recomendação da Organização das nações unidas (ONU) para que seja evitado o uso de termos masculinos para referir-se a pessoas de ambos os sexos, a maioria dos autores ainda o faz.

Além disso, os próprios professores esperam determinadas atitudes de meninos e meninas. Assim, espera-se que as meninas sejam mais organizadas, quietas e esforçadas, dos meninos, porém, que sejam mais indisciplinados. Com cadernos menos organizados e material incompleto.

Isso também é notado na prática esportiva, nas aulas de educação física. Freitas (2006) em seu artigo aponta a suposta fragilidade feminina como uma desculpa ainda utilizada pelos docentes de educação física para justificar a preferência por treinar meninos.

Além disso, de acordo com o mesmo trabalho, os professores alegam que os meninos assimilam mais rapidamente que as meninas, sugerindo então uma superioridade destes em relação às alunas e desconsiderando a influência sócio – cultural envolvida na questão. Em relação a este fato, o autor conclui:

“As nuances dos discursos das professoras e professores também revelaram a existência de preconceitos, mitos, visão sexista do esporte e dos papéis masculinos e femininos. [...] ficou clara uma visão da menina como alguém menos capaz fisicamente [...] Isso demonstra que muitos professores ainda parecem acreditar no mito da fragilidade feminina”.

Ao falar sobre os papéis sexuais Barroso e Bruschini (1990) destacam que a tendência é executar melhor aquilo que se treina mais, e neste sentido é importante lembrar que os esportes, e principalmente o futebol, fazem parte do “universo” masculino desde a infância.

Sobre isto, Toscano (2000) destaca que:

“A mediocridade do protagonismo feminino, na área esportiva, não acontece por acaso. Este é um espaço de discriminação que tem resistido a todas as políticas públicas voltadas para o fim das desigualdades no campo da educação, em geral e da educação física e do esporte, em particular”.

Como podemos notar ainda há muitos problemas relacionados às questões de gênero e a educação formal. Não há um programa de orientação sexual realmente comprometido com a promoção de rupturas de paradigmas. Na verdade, a sociedade busca mantê-los, e “não vê com bons olhos as intervenções e influências que visem a provocar mudanças” (Barroso e Bruschini, 1990).

Para Suplicy (1995), faz - se necessária a criação de um currículo ou programa que inclua as questões de gênero como tema específico para debate. Neste momento volta à tona a importância da orientação sexual, uma vez que nela as questões de gênero poderiam ser especificamente trabalhadas, “afinal, todo relacionamento e comportamento humano diz respeito a elas”.

5. METODOLOGIA:

A metodologia utilizada no presente trabalho consistiu na aplicação de questionários a alunos da 7ª série do ensino fundamental de uma escola pública e de uma escola particular no município de Petrópolis, Rio de Janeiro.

A escolha da série a ser pesquisada baseou-se no fato de que é durante a 7ª série que se aborda de forma mais direta e sistemática a fisiologia humana, inclusive o sistema reprodutor, uma vez que esta faz parte do conteúdo programático da série em questão.

Os questionários foram aplicados a 50 alunos de cada uma das escolas, objetivando caracterizar as diferenças e semelhanças de pensamento dos mesmos em relação às questões de gênero.

O questionário aplicado possui 20 questões e pode ser dividido em duas partes, a primeira que consiste na identificação do sujeito pesquisado e nos informa a idade, o sexo, a renda familiar e a orientação religiosa do mesmo. A segunda parte, contendo 16 questões objetivas fechadas, busca identificar as concepções do sujeito pesquisado sobre a influência do gênero na vivência da sexualidade, enfocando questões como divisões das tarefas domésticas, fidelidade, liberdade, expressão dos sentimentos, virgindade, masturbação, entre outros.

Estas questões foram abordadas através de sentenças afirmativas, para as quais o pesquisado deveria responder verdadeiro ou falso, de acordo com sua formação. É importante destacar que não havia nenhuma sentença certa ou errada, deste modo, a resposta dada indica como o jovem pesquisado está lidando com as questões referentes a sua sexualidade. Suplicy (1995) destaca que no terreno da orientação sexual não há certo ou errado, mas o que deve haver é uma conscientização de modo que o jovem possa assumir seus posicionamentos sem culpa.

Para realização da pesquisa foi solicitada autorização junto à direção das escolas. Mediante autorização, os alunos eram abordados em suas salas de aula e recebiam instruções sobre a pesquisa, nas quais destacavam-se os objetivos do trabalho, a garantia do sigilo das identidades e a necessidade de que as perguntas fossem respondidas de forma sincera. Esclarecidas todas as questões, os questionários eram entregues aos alunos, solicitando a colaboração dos mesmos.

Após a coleta dos dados, a tabulação foi feita através do programa Excel do pacote Office do Windows e os questionários foram separados em quatro grupos a serem analisados. A relação destes grupos é demonstrada na tabela I.

Tabela I. Relação dos grupos pesquisados.

Grupos	Componentes
I	Alunas da escola particular pesquisada
II	Alunos da escola particular pesquisada
III	Alunas da escola pública pesquisada
IV	Alunos da escola pública pesquisada

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A análise da primeira parte do questionário nos fornece um perfil do grupo pesquisado e encontra-se expresso na tabela II.

Tabela II. Caracterização dos grupos analisados.

	Grupo I	Grupo II	Grupo III	Grupo IV	Total
Nº de alunos pesquisados	30	20	24	26	100
Média de Idade (anos)	13,3	13,2	14,1	13,3	13,5
Religião					
Católico	20	14	16	18	68
Protestante	4	0	6	7	17
Sem religião	1	4	1	0	6
Outros	5	2	1	1	9

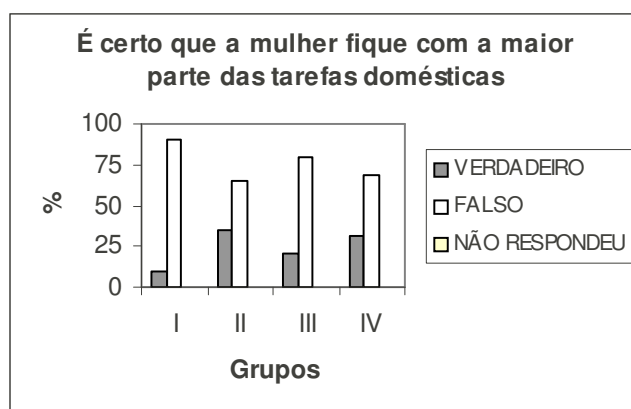


Figura 1 – É certo que a mulher fique com a maior parte das tarefas domésticas

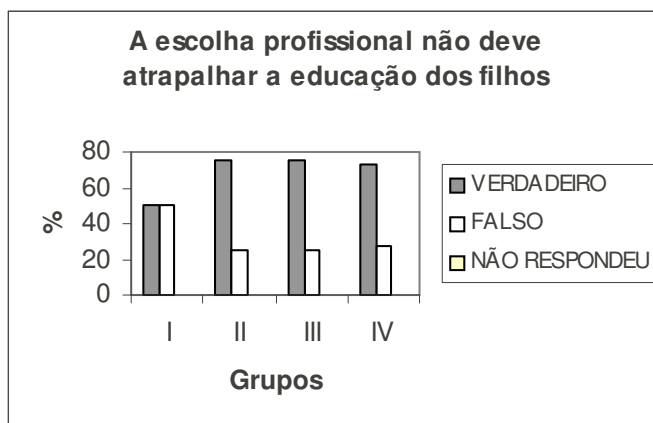


Figura 2 – A escolha profissional da mulher não deve atrapalhar a educação dos filhos.

Pode-se observar, através da figura 1 que a maioria dos alunos pesquisados não concorda que caiba a mulher a tarefa de cuidar da casa, porém, nos grupos de meninos (II e IV) essa diferença é menor que nos grupos de meninas (I e III), o que confirma a afirmação de que o lugar público é para o homem, enquanto o privado é para a mulher. Apesar deste fato, nota-se que a grande maioria dos alunos entrevistados concordam que a mulher deve escolher uma carreira profissional que não atrapalhe a educação dos filhos (figura 2), demonstrando que ainda hoje a educação dos filhos parece ser uma tarefa da mulher. O trabalho desenvolvido por Barroso e Bruschini (1999) demonstrou que alguns rapazes não gostariam que suas esposas trabalhassem fora, exceto se houvesse necessidade financeira. O que revela que a sociedade ainda vê o homem como o provedor da casa, cabendo a mulher o cuidado com o lar e os filhos.

Sobre este assunto Suplicy (1995) lembra que as profissões mais valorizadas em nossa sociedade tem predomínio masculino, se a mulher for trabalhar, deve exercer funções que se assemelhem à função materna.

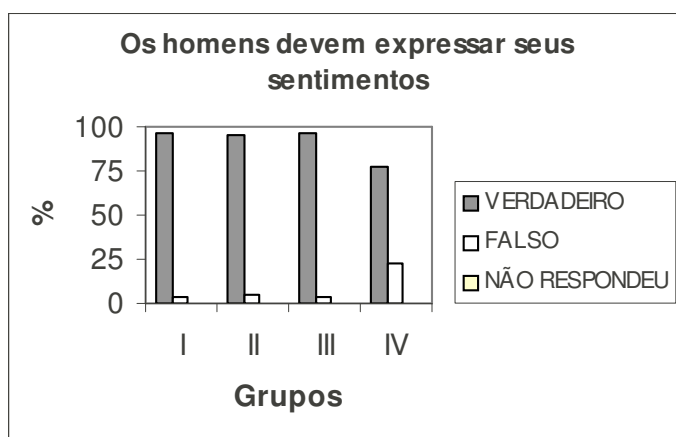


Figura 3 – Os homens devem expressar seus sentimentos.

Quando perguntados sobre o fato de os homens demonstrarem sentimentos (sem medo de parecer “maricas”), a maioria dos alunos concorda com a frase (figura 3), o

que nos leva a crer que alguns mitos como “homem tem que ser forte”, ou “homem não chora” estão diminuindo.

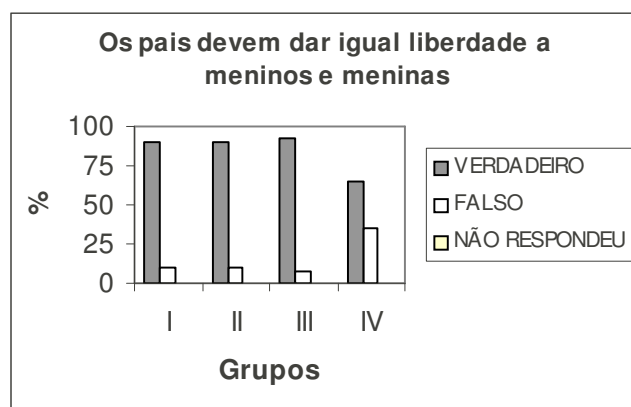


Figura 4- Os pais devem dar igual liberdade a meninos e meninas.

Quanto aos pais darem igual liberdade a meninos e meninas, observa-se que a maioria dos alunos entrevistados acredita que a sentença é verdadeira (figura 4), embora uma grande parte dos alunos do ensino público (grupo IV) ainda acredita que deva haver diferença. Isto reforça o que comumente vemos, a adolescente mais presa em casa, enquanto ao rapaz é dada toda a liberdade, social e sexual (Barroso e Bruschini, 1999).

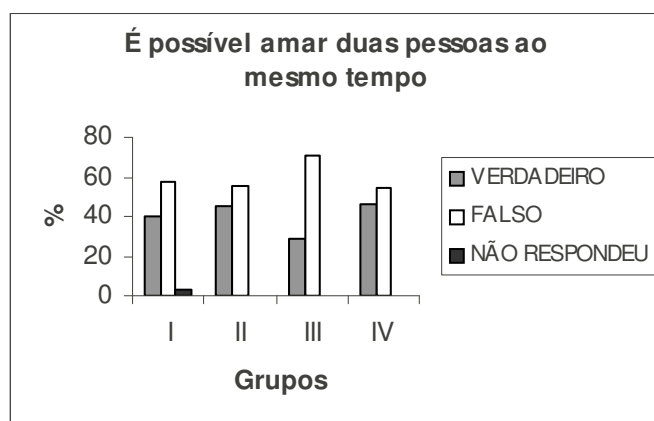


Figura 5 – É possível amar duas pessoas ao mesmo tempo.



Figura 6- O sexo é muito importante para a felicidade das pessoas.

Quanto à possibilidade de se amar duas pessoas ao mesmo tempo, a maioria dos alunos entrevistados não acredita ser possível (figura 5), mostrando que os alunos entrevistados, principalmente do grupo III, ainda conservam a idéia romântica da exclusividade.

Porém ao serem perguntados sobre a importância do sexo para a felicidade, nota-se que esta sentença é falsa para os grupos I e III (meninas) e verdadeira para os grupos II e IV (meninos) como podemos ver na figura 6. Este resultado leva-nos a crer que a idéia de que o sexo para a mulher é apenas para a reprodução, enquanto para o homem é fonte de diversão se mantém.

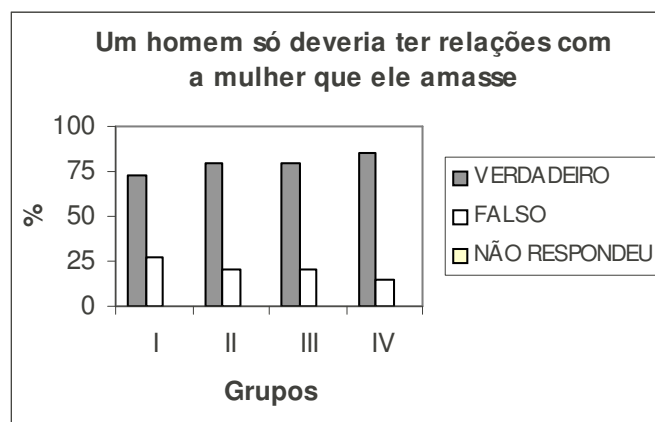


Figura 7 – Um homem só deveria ter relações com a mulher que ele amasse.

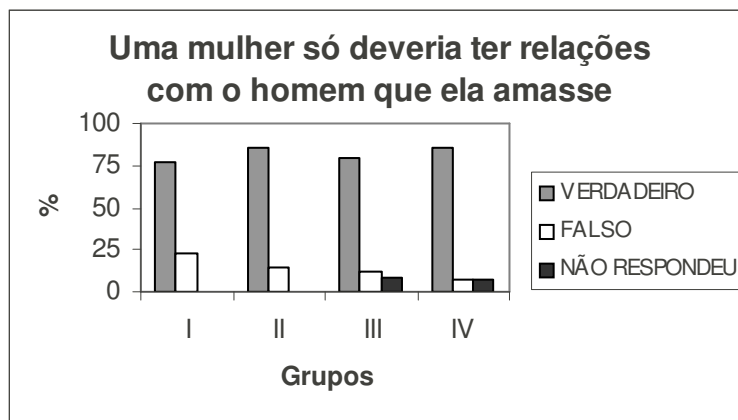


Figura 8 - Uma mulher só deveria ter relações com o homem que ela amasse.

A afirmação “um homem só deveria ter relações com a mulher que ele ame”, é verdadeira para a maioria dos alunos pesquisados. O mesmo perfil é observado para a afirmação “uma mulher só deveria ter relações com o homem que ela ame” (figuras 7 e 8). Poderíamos deduzir que o valor fidelidade (talvez o sentimento de posse) ainda seja muito forte para ambos os sexos.

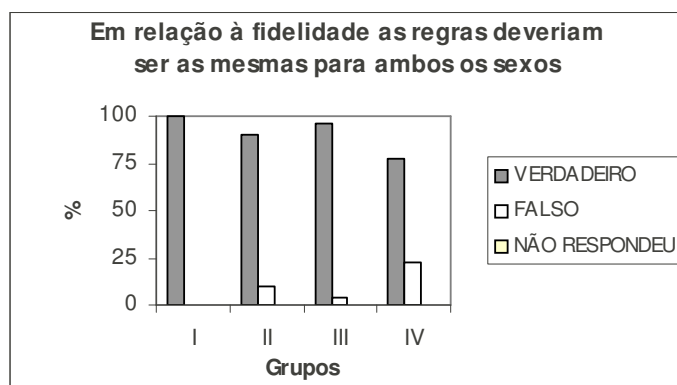


Figura 9 – Em relação à fidelidade as regras deveriam ser as mesmas para ambos os sexos.

Quanto ao fato das regras de fidelidade serem as mesmas para homens e mulheres, o perfil das respostas se manteve inalterado se considerarmos as duas respostas anteriores, mostrando uma coerência de pensamento dos alunos entrevistados (figura 9).

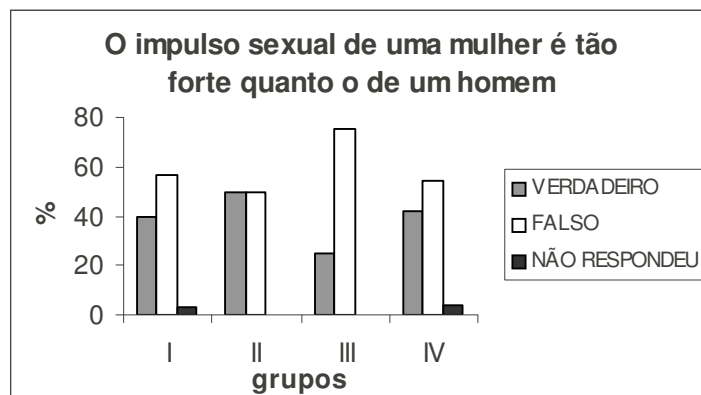


Figura 10 – O impulso sexual de uma mulher é tão forte quanto o de um homem.

Sobre a intensidade do impulso sexual, notamos que um grande número de alunos pesquisados acredita que haja diferença entre homens e mulheres (figura 10). Nos grupos I, III e IV a maioria acredita que esta sentença é falsa e no grupo II houve um empate. Este fato pode estar diretamente relacionado com o fato de que até a revolução sexual, na década de 60, as mulheres deviam reprimir seus impulsos. Quando os maridos queriam “diversão” buscavam em prostitutas. Suas esposas não eram mulheres para fazer tal coisa.

Até este momento acreditava-se que a libido feminina era menor que a masculina e defendia-se que o funcionamento sexual, especialmente nas mulheres, estava diretamente ligado à reprodução (Suplicy, 1994).

É importante destacar ainda o papel da religião, que exigia submissão da mulher ao marido.

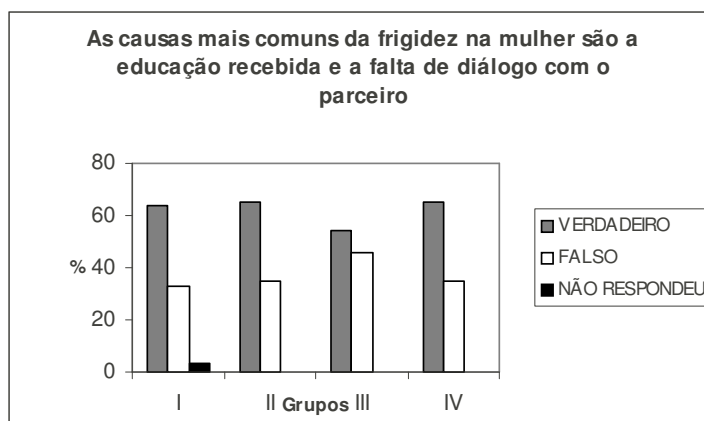


Figura 11 – As causas mais comuns da frigidez na mulher são a educação recebida e a falta de diálogo com o parceiro.

A maioria dos adolescentes entrevistados acredita que a frigidez/ falta de desejo sexual seja causada pelo tipo de educação recebida e pela falta de diálogo (figura 11). É importante lembrar que a educação sempre reforça a fragilidade e a submissão feminina, não apenas no aspecto social, também no aspecto sexual. Além disso, por muito tempo o ato sexual só acontecia por desejo do marido, e a mulher era praticamente violentada em cada ato.

Suplicy (1994) destaca as influências socioculturais e a repressão da sexualidade feminina como agente causador do desconhecimento da sexualidade e da genitalidade por parte das mulheres. No entanto, Boechat (1999) afirma que “com carinho e afeto, havendo estimulação, quase todas as pessoas são responsivas sexualmente”.

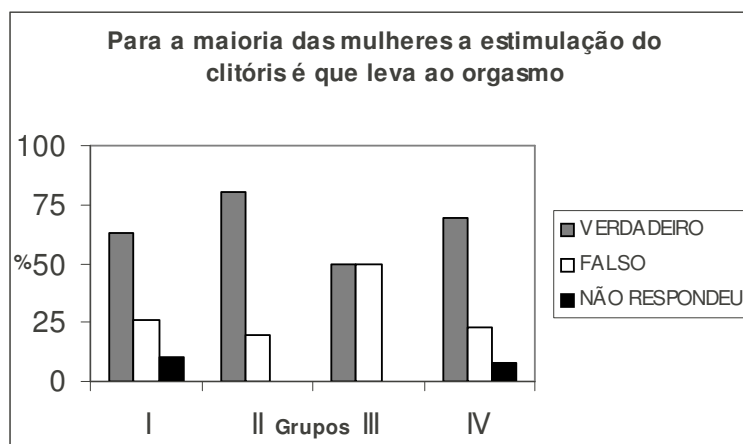


Figura 12 – Para a maioria das mulheres a estimulação do clitóris é que leva ao orgasmo.

Para a maioria dos adolescentes pesquisados a estimulação do clitóris leva a mulher ao orgasmo (figura 12), verificando-se um empate apenas no grupo III (alunas de escola pública).

É importante ressaltar que muitos alunos, principalmente meninos, alegaram não saber a localização do clitóris e, nem mesmo, o que era. Este fato pode ser aferido devido às várias perguntas que surgiram (da parte dos meninos) sobre o que era e “onde ficava” o clitóris.

Suplicy (1994) afirma que as carícias preliminares e a estimulação do clitóris são importantes para que a mulher atinja o orgasmo, que é uma descarga intensa de sensações vividas com prazer no ápice da estimulação sexual.

Porém, é importante ressaltar que o ato sexual não envolve apenas os órgãos genitais, mas o corpo como um todo e, sem dúvida, o orgasmo começa no cérebro.

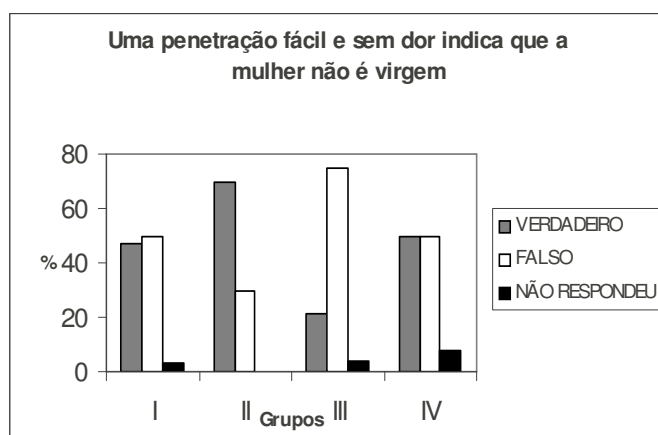


Figura 13 – Uma penetração fácil e sem dor indica que a mulher não é virgem.

A virgindade ainda se mostra como um dos maiores tabus da área da sexualidade. Quando perguntados se uma penetração fácil e sem dor indicaria que a mulher não era mais virgem, tivemos uma dicotomia de respostas. Os grupos de meninas (I e III) consideraram a sentença falsa, já o grupo II (meninos de escola particular) considerou a sentença verdadeira e no grupo IV (meninos de escola pública) houve empate (figura 13). Nesta questão fica claro o desconhecimento e a força do mito para o grupo de meninos de escola particular (grupo II).

Boechat (1999) alerta que a virgindade enquanto valor surge na Idade Média, sendo fruto da cultura. E destaca que a virgindade quando reduz a dignidade feminina a um detalhe anatômico desvaloriza a mulher. Além disso, segundo ele, os homens “esperam o sangramento e a dor como ‘prova’ do defloramento”, o que pode não

acontecer e algumas vezes, acontece por disfunções como a dispaurenia (dor na relação sexual).

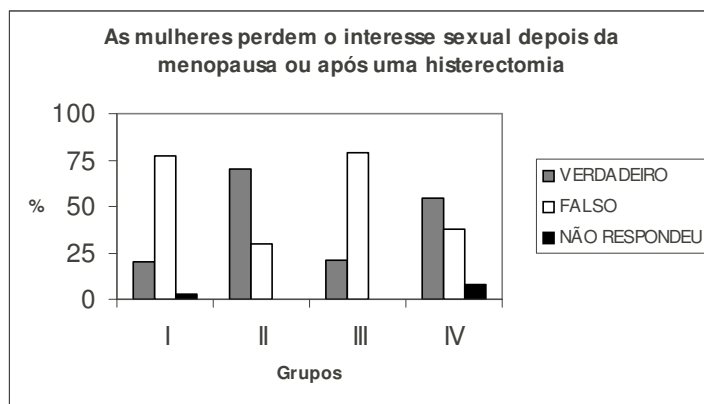


Figura 14 – As mulheres perdem o interesse sexual depois da menopausa ou após uma histerectomia.

Quanto à afirmação: as mulheres perdem o interesse sexual depois da menopausa ou após uma histerectomia, a dicotomia se repetiu. Para a maioria das meninas pesquisadas (grupos I e III) a sentença falsa, o contrário ocorreu nos grupos de meninos (II e IV), cuja maioria considerou a sentença verdadeira (figura 14), o que prova o desconhecimento, por parte dos meninos, do corpo e do desejo sexual feminino.

Na realidade esta sentença revela mais um mito amplamente difundido, e provavelmente ligado à questão da função sexual relacionada à reprodução. Suplicy (1994) destaca que homens e mulheres têm capacidade de sentir desejo e prazer sexual durante toda a vida e Boechat (1999) diz que a inibição do desejo sexual pode ser causada por problemas orgânicos e/ou psicológicos. Deste modo, a perda de interesse sexual não está diretamente ligada à menopausa ou a histerectomia, apesar de, na menopausa, haver uma baixa hormonal.

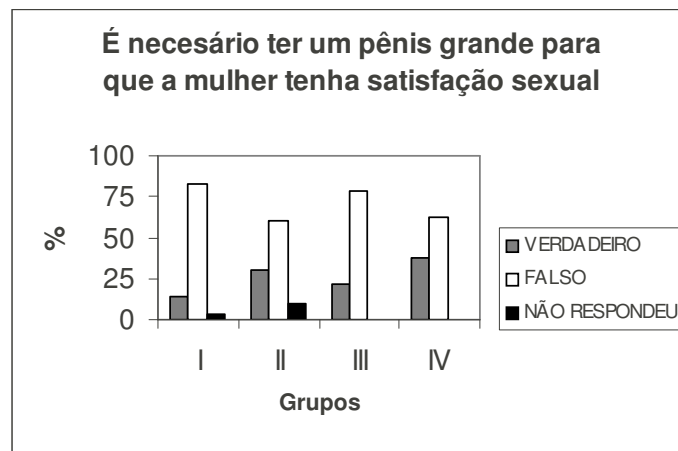


Figura 15 – É necessário um pênis grande para que a mulher tenha satisfação sexual.

Sobre a necessidade de o pênis ser grande para satisfazer sexualmente uma mulher, a maioria dos alunos declarou ser falsa a afirmação (figura 15). Apesar disso nos grupos de meninos (II e IV) essa diferença mostrou-se menor, indicando que os meninos ainda são levados a acreditar nesse mito.

Boechat (1999) explica que este mito surgiu do fato de que em muitas civilizações o pênis era sinônimo de fertilidade e proteção. Deste modo força, poder e virilidade estariam diretamente ligados ao tamanho do órgão genital masculino.

Porém, este mesmo autor destaca que a satisfação feminina não é condicionada ao tamanho do pênis, mas à estimulação de zonas erógenas, como o clitóris, por exemplo.

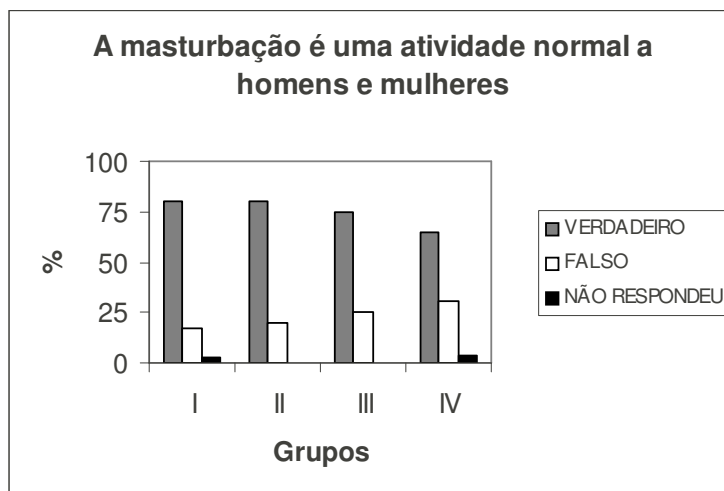


Figura 16 – A masturbação é uma atividade normal a homens e mulheres.

Sobre a afirmação A masturbação é uma atividade normal para homens e mulheres, a maioria dos adolescentes entrevistados acredita que esta afirmação é correta (figura 16).

E apesar de ser considerada comum a ambos os sexos Barroso e Bruschini (1999) destacam que os índices entre os homens são maiores que entre as mulheres e apontam a religião como uma possível explicação uma vez que a doutrina católica, influenciada pelo judaísmo, condena a prática porque o sexo é para reprodução.

Estes mesmos autores ainda alertam que entre as meninas a prática da masturbação demora mais a se desenvolver, provavelmente devido à repressão dos pais, principalmente na infância que reforçam que a menina não deve tocar o órgão genital, e pela associação com algo sujo.

Muitos mitos, tabus e preconceitos envolvem a masturbação, porém Boechat (1999) destaca que quando a masturbação assume uma determinada frequência pode significar problemas emocionais, e evidenciar algum tipo de conflito interno.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos questionários neste estudo demonstrou que as questões relacionadas ao gênero ainda influenciam, embora de maneira implícita, a vivência da sexualidade pelo adolescente.

A presente pesquisa que tem por objetivo identificar a influência cultural na forma como o jovem vê e vive as questões relacionadas a sua sexualidade e auxiliar os professores, de ciências e das demais disciplinas a lidarem com essas questões sem reproduzir e/ou reafirmar estereótipos sexuais, constatou que muitas vezes eles ainda se fazem presentes no dia-a-dia do adolescente.

Isso fica evidente, por exemplo, na figura 2, na qual, a maioria dos alunos entrevistados (67%) acredita que a mulher deve escolher profissões que não atrapalhem a educação dos filhos, deixando claro que a responsabilidade da educação ainda, para esses jovens, é da mulher.

Outro exemplo que evidencia os estereótipos sexuais pode ser encontrado na figura 10, sobre a intensidade do impulso sexual. Nesta tabela nota-se claramente que a idéia da fragilidade e conseqüente submissão feminina ainda se faz presente, mesmo no aspecto sexual.

Nota-se também alguns avanços, que talvez sejam fruto do desejo de igualdade de tratamento por parte dos filhos em relação aos pais. Isso é observado na figura 4, na qual a maioria dos alunos acha que os pais deveriam dar liberdade igual a meninos e meninas. No entanto, sabe-se que esta não é a realidade na grande maioria das famílias.

De acordo com o referencial teórico, a escola ainda é um centro produtor e difusor das diferenças, inclusive de gênero. Apesar disso, a escola ainda é um espaço privilegiado de transmissão de conhecimento científico sobre sexologia e formação de

opinião. Sobre esse ponto de vista a escola ainda é a maior aliada da transformação. Podendo ser um local de libertação e quebra de estereótipos que muitas vezes impedem que os jovens vivam sua sexualidade de maneira plena e feliz.

Para tanto, se faz necessário que os professores se sensibilizem quanto às questões relacionadas às discriminações. Não apenas de gênero, mas de etnia, classe social, etc. E estejam atentos para, ao observar tais manifestações, sejam capazes de problematizá-las e tornar os alunos sensíveis e conscientes, ocorrendo assim uma mudança de atitude e tornando a sala de aula, a escola e conseqüentemente a sociedade um local de igualdade de direitos para todos.

É preciso que se dissocie o componente cultural do biológico no masculino e feminino e que os indivíduos sejam encarados como seres únicos, dotados de capacidades e habilidades próprias, não necessitando de uma forma que os iguale, mas que tolhe e frustra sonhos e ideais.

Sugerimos, deste modo, que os profissionais da educação estimulem a igualdade entre os sexos em suas atividades em sala de aula. Coisas pequenas e simples podem ser úteis na transformação desta realidade como estimular as meninas em atividades de raciocínio como matemática e ciências, e os meninos em atividades artísticas. Realizar nas aulas de educação física times mistos que aprendam a respeitar os limites do corpo de cada um. Criar situações nas quais a questão de gênero possa ser conhecida e debatida e, principalmente, o professor deve exercitar diariamente o respeito à igualdade. Não podemos esquecer que os nossos atos também são observados e comparados ao nosso discurso.

A educação ainda é o instrumento capaz de reduzir diferenças e extinguir preconceitos, tornando nossa sociedade mais justa para todos e todas.

Este trabalho buscou contribuir para que isso se torne real em nossas escolas e em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Barroso e Bruschini (org). Sexo e juventude: como discutir sexualidade em casa e na escola. 3.ed.rev e ampl. São Paulo: Cortez, 1990 91p. ISBN: 85-249-0220-5
- Boechat Filho, C. Falando de sexo com amor. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999 208p. ISBN: 85-326-2267-4
- Brasil, Lei nº11.340 de 07 de agosto de 2006.
Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/ Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>, acesso em 15 jan. 2007.
- Brasil, Parâmetros Curriculares Nacionais (1996) Ministério de Educação e Cultura, Brasília, DF, 1996.
- Costa, R. P. Os Onze Sexos. São Paulo: Ed. Gente, 1994.
- Dadoorian, D. Gravidez na adolescência: um novo olhar. Psicologia ciência e profissão, Brasília, ano 23, n. 2003. Disponível em: http://www.revistacienciaeprofissao.org/artigos/23_01/pdfs/23.1art11.pdf acesso em 22 mar. 2006.
- Freitas, L. Gênero e futebol feminino: preconceitos, mitos e sexismo na prática discursiva de docentes da educação física. Disponível em: www.anped.org.br/27/ge23/t236.pdf acesso em 07 mai. 2006
- Grossi, E.P. Gênero e as novas idéias sobre aprendizagem. Disponível em : http://www.geempa.org.br/html/artigos/artigos_apr.htm >. Acesso em 18 fev. 2006.
- As mulheres no alvo das políticas públicas brasileiras. IBGE. Disponível em < www.ibge.gov.br > Acesso em 22/05/06
- Louro, G.L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179p. ISBN: 85-326-1862-6.
- Louro, G.L. (Org) O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 176p. ISBN: 85-86583-33-2.
- Merola, E. T.E.E.N –Pesquisa mostra que 25,6% dos jovens entre 17 e 25 anos fazem parte da geração ‘Transe e Esqueci o Nome’. O Globo. Rio de Janeiro, 25 out. 2005. Megazine, p.12
- Moreno, M. Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999. 80p. ISBN: 85-16-02363-x.
- Ribeiro, J.S.B, “Brincar de osadia”: sexualidade e socialização infanto-juvenil no universo de classes populares. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro n.19 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v19s2/a16v19s2.pdf> acesso em 07 mai. 2006

- Ribeiro, Marcos (Org). O prazer e o pensar. Vol 1. São Paulo: Ed. Gente, 1999. ISBN: 85-7312-208-0
- Rio de Janeiro (Estado). LEI ESTADUAL Nº 4.638, DE 09 DE NOVEMBRO DE 2005. Estabelece a notificação compulsória dos casos de violência contra a mulher atendida em serviços de saúde da rede pública ou privada, e dá outras providências. Disponível em:
<www.camara.rj.gov.br/setores/proc/boletim/bolproc2005/boletimdez2005.pdf>
> acesso em 15 jan. 2007.
- Silva, R.C. Fala Educadora! Fala Educador! Disponível em <www.falaeducador.com.br>.
- Suplicy, M. e col. Guia de orientação sexual. São Paulo: Ed. Casa do psicólogo, 1994. 112p. ISBN: 85-85141-31-x
- Suplicy, M. Sexo para Adolescentes. 3.ed. São Paulo: FTD, 1995. 128p. ISBN 85-322-0823-1
- Suplicy, M. (org), Sexo se aprende na escola. São Paulo: Olho d'água, 1995. 120p. ISBN: 85-85428-16-3.
- Tannahill, R. Sexo na história. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S/A, 1983. 516p.
- Toscano, M. Estereótipos sexuais na educação: um manual para o educador. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 116p. ISBN 85.326.2285-2
- Verardo, M.T. Aborto: um direito ou um crime? São Paulo: Moderna, 1987. 88p. ISBN: 85-16-00235-7.

Modelo do questionário aplicado aos alunos da rede pública e privada de ensino do município de Petrópolis, RJ.

Muito Obrigada!

() Verdadeiro () Falso

16. Para a maioria das mulheres a estimulação do clitóris é que leva ao orgasmo.

() Verdadeiro () Falso

17. Uma penetração fácil e sem dor indica que a mulher não é virgem.

() Verdadeiro () Falso

18. As mulheres perdem o interesse sexual depois da menopausa ou após uma histerectomia.

() Verdadeiro () Falso

19. É necessário um pênis grande para que a mulher tenha satisfação sexual.

() Verdadeiro () Falso

20. A masturbação é uma atividade normal a homens e mulheres.() Verdadeiro () Falso

Tabelas com os dados obtidos através da aplicação dos questionários:

Tabela I – É certo que a mulher fique com a maior parte das tarefas domésticas.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	3 (10%)	7 (35%)	5 (21%)	8 (31%)
FALSO	27 (90%)	13 (65%)	19 (79%)	18 (69%)
NÃO RESPONDEU	0	0	0	0
TOTAL	30	20	24	26

Tabela II – A escolha profissional da mulher não deve atrapalhar a educação dos filhos.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	15 (50%)	15 (75%)	18 (75%)	19 (73%)
FALSO	15 (50%)	5 (25%)	6 (25%)	6 (27%)
NÃO RESPONDEU	0	0	0	1
TOTAL	30	20	24	26

Tabela III – Os homens devem expressar seus sentimentos.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	29 (96,6%)	19 (95%)	23 (96%)	20 (77%)
FALSO	1 (3,3%)	1 (5%)	1 (4%)	6 (23%)
NÃO RESPONDEU	0	0	0	0
TOTAL	30	20	24	26

Tabela IV - Os pais devem dar igual liberdade a meninos e meninas.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	27 (90%)	18 (90%)	22 (92%)	17 (65%)
FALSO	3 (10%)	2 (10%)	2 (8%)	9 (35%)
NÃO RESPONDEU	0	0	0	0
TOTAL	30	20	24	26

Tabela V – É possível amar duas pessoas ao mesmo tempo.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	12 (40%)	9 (45%)	7 (29%)	12 (46%)
FALSO	17 (60%)	11 (55%)	17 (71%)	14 (54%)
NÃO RESPONDEU	1	0	0	0
TOTAL	30	20	24	26

Tabela VI- O sexo é muito importante para a felicidade das pessoas.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	8 (27%)	12 (60%)	10 (42%)	14 (52%)
FALSO	22 (73%)	8 (40%)	14 (58%)	12 (48%)
NÃO RESPONDEU	0	0	0	0
TOTAL	30	20	24	26

Tabela VII – Um homem só deveria ter relações com a mulher que ele amasse.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	22 (73%)	16 (80%)	19 (79%)	22 (85%)
FALSO	8 (27%)	4 (20%)	5 (21%)	4 (15%)
NÃO RESPONDEU	0	0	0	0
TOTAL	30	20	24	26

Tabela VIII - Uma mulher só deveria ter relações com o homem que ela amasse.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	23 (77%)	17 (85%)	19 (79%)	22 (85%)
FALSO	7 (23%)	3 (15%)	3 (12,5%)	2 (7,5%)
NÃO RESPONDEU	0	0	2 (8,5%)	2 (7,5%)
TOTAL	30	20	24	26

Tabela IX – Em matéria de fidelidade as regras deveriam ser as mesmas para ambos os sexos.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	30 (100%)	18 (90%)	23 (96%)	20 (77%)
FALSO	0	2 (10%)	1 (4%)	6 (23%)
NÃO RESPONDEU	0	0	0	0
TOTAL	30	20	24	26

Tabela X – O impulso sexual de uma mulher é tão forte quanto o de um homem.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	12 (40%)	10 (50%)	6 (25%)	11 (42%)
FALSO	17 (60%)	10 (50%)	18 (75%)	14 (58%)
NÃO RESPONDEU	1	0	0	1
TOTAL	30	20	24	26

Tabela XI – As causas mais comuns da frigidez na mulher são a educação recebida e a falta de diálogo com o parceiro.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	19 (63%)	13 (65%)	13 (54%)	17 (65%)
FALSO	10 (37%)	7 (35%)	11 (46%)	9 (35%)
NÃO RESPONDEU	1	0	0	0
TOTAL	30	20	24	26

Tabela XII – Para a maioria das mulheres a estimulação do clitóris é que leva ao orgasmo.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	19 (63%)	16 (80%)	12 (50%)	18 (69%)
FALSO	8 (26%)	4 (20%)	12 (50%)	6 (23%)
NÃO RESPONDEU	3 (10%)	0	0	2 (8%)
TOTAL	30	20	24	26

Tabela XIII – Uma penetração fácil e sem dor indica que a mulher não é virgem.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	14 (47%)	14 (70%)	5 (21%)	13 (50%)
FALSO	15 (50%)	6 (30%)	18 (75%)	13 (50%)
NÃO RESPONDEU	1 (3%)	0	1 (4%)	0
TOTAL	30	20	24	26

Tabela XIV – As mulheres perdem o interesse sexual depois da menopausa ou após uma histerectomia.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	6 (20%)	14 (70%)	5 (21%)	14 (54%)
FALSO	23 (77%)	6 (30%)	19 (79%)	10 (38%)
NÃO RESPONDEU	1 (3%)	0	0	2 (8%)
TOTAL	30	20	24	26

Tabela XV – É necessário um pênis grande para que a mulher tenha satisfação sexual.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	4 (14%)	6 (30%)	5 (21%)	10 (38%)
FALSO	25 (83%)	12 (60%)	19 (79%)	16 (62%)
NÃO RESPONDEU	1 (3%)	2 (10%)	0	0
TOTAL	30	20	24	26

Tabela XVI – A masturbação é uma atividade normal a homens e mulheres.

RESPOSTAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III	GRUPO IV
VERDADEIRO	24 (80%)	16 (80%)	18 (75%)	17 (65%)
FALSO	5 (17%)	4 (20%)	6 (25%)	8 (31%)
NÃO RESPONDEU	1 (3%)	0	0	1 (4%)
TOTAL	30	20	24	26